

JOAQUIM BAIRRÃO – PROFESSOR E MESTRE

Ana Isabel Pinto
(Professora Auxiliar - FPCEUP)

Esta obra do Professor Bairrão pretende refletir o percurso profissional e científico do Psicólogo-Professor, bem como a diversidade e complexidade do seu pensamento que, enquanto presença imaterial da sua sabedoria, constitui o património imaginário que nos legou.

E iria começar pelo título dessa obra “*Um teórico forçado à prática? Ou um prático forçado à Teoria?*”. Esta é uma questão de fundo que colocou ao longo de todo o seu percurso e que se traduz, primeiramente, no seu questionamento acerca da identidade da Psicologia em geral e dos psicólogos na área do desenvolvimento e da educação em particular. As suas convicções estão bem patentes num texto seu de 1992 no qual se refere à psicologia atual como responsável pela co-construção de uma (e passo a citar) “*nova teoria social do conhecimento e de um pragmatismo científico que conduza à solução dos graves problemas que se põem à humanidade*”(pp. 66)¹.

Estas eram as inquietações que, enquanto Professor, sempre nos colocou, logo desde as primeiras aulas. Começando com citações como a de Kurt Lewin “*Não há nada mais prático que uma boa teoria*”, lançava-nos desafios que levaram a reflexões epistemológicas e pragmáticas de várias ordens. E ao longo das 2h de aula as ideias fluíam numa ordem lógica, alternando entre paradigmas que ainda não dominávamos e dados empíricos de investigação que, refletindo tais quadros conceptuais, constituíam ao mesmo tempo evidência para práticas efetivas que desenvolvia com a sua equipa de Lisboa, ao serviço de problemas desenvolvimentais, sociais e humanos de comunidades em risco.

Recordo aquilo que, no início de anos 1980, nos foi ensinando a partir de uma pesquisa interdisciplinar sobre Crianças em Risco, o Estudo Epidemiológico da Deficiência Mental de Arruda dos Vinhos, que coordena

¹ Bairrão, J. (1992). A perspetiva ecológica em psicologia da educação. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 57-68

nos anos 1970, e que constitui um ponto de viragem na compreensão do desenvolvimento e da educação da criança, nomeadamente de crianças com deficiência mental, em risco ou em condições de inadaptação. Este Projeto veio questionar formas tradicionais de abordagem então vigentes, as quais se caracterizavam por uma quase total ausência de enquadramento teórico, por uma perspetiva eminentemente diagnóstica e reabilitativa centrada na criança, e não inclusiva. De facto, com os resultados do referido Estudo, Joaquim Bairrão veio a questionar a abordagem médica, assistencial e segregativa de tais modelos de atendimento, sendo de realçar as suas preocupações com o desenvolvimento em idades precoces.

À altura ficávamos perplexos, confusos e ao mesmo tempo fascinados com alguns (poucos) insights que nos apressávamos a registar e a discutir entre nós com entusiasmo, na medida em que estas ideias nos suscitavam uma nova visão acerca dos processos implicados no desenvolvimento humano e do nosso papel enquanto agentes de mudança nesses processos.

Mais tarde compreendemos que, lançando-nos em debates centrais em psicologia, nos levava a desconstruir argumentos e a posicionar-nos numa perspetiva de teorias desenvolvimental-sistémicas, perante a premência de relacionar os diferentes níveis de organização envolvidos na experiência humana. Percebíamos, então, a necessidade de adotar modelos que considerassem os processos interativos a diferentes níveis, bem como as características dos contextos e da cultura em que estes se inserem.

Assim, começando por nos aconselhar, de forma viva e veemente, a leitura do texto de Altman e Rogoff “*As quatro visões do mundo*”, conduzia-nos numa viagem através de “paradigmas”, “modelos”, ou “hipóteses acerca do mundo”. O que o Professor Bairrão nos ia transmitindo era que, para além dos factos relativamente empíricos da ciência, os cientistas possuem crenças ou pressupostos que não são sujeitos a testagem empírica, o que os leva a discordar acerca dos fenómenos que observam e acerca das leis e teorias envolvidas na sua explicação. Finalmente, e ao longo de debates mais ou menos acesos, levava-nos a concluir, com alguma inquietação, devo confessar, não ser possível obter uma compreensão completa do desenvolvimento humano através de uma única teoria ou metodologia, nem através da simples catalogação de factos empíricos. Para dar significado à teoria, ao método e aos resultados da investigação, seria, pois, necessário integrá-los numa filosofia, no contexto da qual a pesquisa seria desenvolvida e os seus resultados interpretados. Tornava-se, pois, fundamental a compreensão das diferentes suposições filosóficas nas quais se pode basear o estudo do desenvolvimento

humano, para que nos pudéssemos situar conceptualmente na nossa prática enquanto psicólogos e /ou investigadores.

E é de questões deste tipo, relacionadas com a identidade da Psicologia enquanto ciência que Joaquim Bairrão nos fala nesta obra em textos escritos entre 1967 e 2006, nos quais alerta para o perigo do reducionismo da Psicologia ao modelo de outras ciências e a modelos de causalidade linear, sublinhando a necessidade de desenvolver metodologias compósitas, que traduzam os múltiplos níveis da realidade em que o psicólogo atua. Nos seus escritos, debate, ainda, assuntos de grande atualidade, realçando a necessidade de equipas interdisciplinares que consigam criar um acerto de linguagens para chegar a uma compreensão adequada da realidade que observam.

Estas ideias são igualmente realçadas por ele enquanto Professor, nas suas aulas, mas também no trabalho que connosco desenvolve na FPCEUP, tanto a nível da investigação como a nível do serviço à comunidade. Destaca-se “*Uma Experiência Psicopedagógica no Ensino Primário*” que, na sequência destas preocupações, desenvolve connosco na faculdade entre 1983 e 1987, que se baseava num protocolo de cooperação com a Unidade de Orientação Educativa do Porto um projeto experimental da então Direção Geral do Ensino Básico e que teve como objetivo a redução das altas taxas de insucesso escolar com base na “*força normalizante da escola regular*” (Bairrão, 1982)². Este foi o início dos projetos integrados a nível da comunidade, seguindo-se o Projeto Socio Educativo da Cruz de Pau, financiado pela Fundação Van Leer, em bairros degradados do Município de Matosinhos.

Na sequência destes projetos, a necessidade premente de encontrar modelos mais eficazes, inovadores e inclusivos de atuar desde idades mais precoces, levou Joaquim Bairrão a determinar-se na dinamização de estratégias para o lançamento e consolidação de um modelo de Intervenção Precoce (IP) adequado à realidade do nosso país, numa linha coerente com princípios e valores de que nunca prescindiu, nomeadamente a opção por uma abordagem sistémica e ecológica dos fenómenos educativos e desenvolvimentais e pela relevância social da investigação desenvolvida.

De facto, o carácter pioneiro de Joaquim Bairrão nesta área teve conti-

2 Como refere, aliás numa entrevista ao Jornal a Margem, o qual integra, a primeira secção deste livro, e cuja leitura aconselhamos vivamente, pela atualidade de que reveste.

Bairrão, J. (1982). Ensaiar modelos de intervenção com base na força normalizante da escola regular. Entrevista originalmente publicada em Margem: revista bimestral de educação especial, 1982, 5, (26/27), 31-34

nuidade em anos 1995, com a criação, na FPCEUP, do primeiro Mestrado em IP em Portugal e, simultaneamente, do Projeto de Intervenção Precoce (PIP) de Matosinhos, o qual teve como uma das principais finalidades constituir a parte empírica do referido Mestrado, possibilitando aos alunos um contacto efetivo com práticas recomendadas nesta área de intervenção, bem como o estudo de casos em cooperação com uma equipa pluridisciplinar integrada por profissionais do terreno.

Transversalmente a estes projetos esteve sempre presente a preocupação ligada às questões da qualidade dos contextos e das interações na educação pré-escolar, o que veio a assumir um papel relevante na investigação da equipa desta faculdade por si coordenada. A interação como unidade de análise surge enquanto conceito fundamental no estudo do desenvolvimento, na medida em que *“descreve as trocas ativas e dinâmicas entre um indivíduo e os objetos e eventos físicos e sociais do seu meio. É um conceito fundamental em psicologia do desenvolvimento e é psicológica e culturalmente definido. Esta unidade de análise pode ser abordada a um nível intrínseco ou intraindividual ou a um nível extrínseco, interindividual* (Bairrão, comunicação pessoal, 2003). Este conceito foi aprofundado em vários estudos financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia nomeadamente sobre os fatores que influenciam o envolvimento da criança em contexto de creche e pré-escolar. Estes são projetos que continuam a ser desenvolvidos pela equipa da faculdade em colaboração com colegas a nível internacional.

Tais projetos espelham uma dialética teoria-prática, situando a ação do psicólogo educacional no âmbito de equipas inter ou transdisciplinares, numa lógica de ações integradas de serviços para a infância e contando com a participação da comunidade.

E deixa-nos uma mensagem forte, que tem constituído o lema do trabalho que a nossa equipa, com ele desenvolveu ao longo de anos e que continua a desenvolver. Passo a citar: *“... o psicólogo deverá interrogar-se com insistência (ai dele se o não fizer) sobre a ciência que pratica, sobre a região ou nível do real que aborda e, ainda, sobre o que constrói.”* De facto, no elevado rigor que nos transmitia, houve sempre a preocupação de saber que áreas do conhecimento praticávamos e aplicávamos, os seus limites e os aspetos éticos das nossas práticas.

Assim, ancorado num quadro teórico consistente, capaz de impulsionar práticas inclusivas eficazes, Joaquim Bairrão coordenou intervenções multidimensionais, incidindo sobre variáveis - chave que afetam o meio físico e social da criança desde idades precoces, com o objetivo de modificar essas

realidades e sempre com a preocupação de partir das necessidades e aspirações das pessoas, sobretudo daquelas em stress e desvantagem. Nesta constante procura de abordagens inovadoras e promotoras de mudança, sempre teve em conta os conhecimentos mais atuais e as orientações veiculadas pela comunidade científica internacional.

No seu contacto connosco, como mentor de Projetos de investigação e de intervenção, bem como no papel de Professor, sempre incutiu à equipa a ideia firme de rigor científico associada à convicção de que o Homem pode mudar a realidade e que as condições necessárias para tal mudança se radicam na partilha de saberes entre os membros da comunidade tanto civil como científica. Nesse sentido, sempre transmitiu ser necessário ultrapassar formas de atuação social prevalentes de modo a produzir mudança e a traçar trajetórias históricas de vida.

E foi por estes princípios que a sua atuação sempre se pautou, defendendo que a razão, enquanto posição baseada em sólidas bases conceptuais e apoiada em evidências empíricas, pode ser mantida através da crítica sustentada, persistente e continuada que, por isso, não desvia, antes preserva, as ideias fundamentais de verdade, liberdade e justiça.

Distinguiu-se pela constante procura de ideias e de projetos inovadores, estimulantes e promotores de mudança em que, num processo de evolução sempre envolveu toda a equipa que o rodeava, estimulando e incentivando nos discípulos e colaboradores a procura de conhecimento e a organização de quadros conceptuais passíveis de enquadrar práticas com significado e eficácia social. Destaco o interesse e curiosidade que em nós foi despertando para aderir de forma motivada a tais projetos, os desafios, apoio e confiança que sempre manifestou ao longo desses processos. Por tudo isto, o sentimento de base que fica em alunos e colaboradores é o enorme privilégio por ter beneficiado do seu saber na orientação de percursos a nível profissional, académico e de investigação e, transversalmente a todos estes aspetos, pela sua amizade.